

BUENOS AIRES

A presidente da Argentina, Cristina Fernandez de Kirchner, assume amanhã seu segundo mandato com o desafio de manter a economia do país aquecida em um cenário de crise mundial. O fortalecimento da relação comercial com o Brasil é um dos poucos instrumentos à mão da presidente, reeleita prometendo manter o crescimento a qualquer custo.

Os empresários, com quem Cristina tem demonstrado maior aproximação à medida que está cada vez mais distante dos sindicalistas, também miram no mercado interno do Mercado Comum do Sul (Mercosul), principalmente a fatia brasileira. "Estamos otimistas porque Brasil e Argentina são mercados muito importantes para as economias regionais", afirma o presidente da Câmara de Comércio Argentino Brasileira (Cambras), Jorge Rodríguez Aparicio.

No mês de novembro, o comércio bilateral cresceu 20%, em relação ao mesmo período do ano passado, e alcançou a cifra de US\$ 3,6 bilhões, segundo informe produzido pela Consultoria Abeceb.

No acumulado deste ano, foram movimentados mais de US\$ 36 bilhões entre os dois países, com um superávit superior a US\$ 5,3 bilhões para o Brasil. Até o fim de dezembro, o comércio bilateral deve ultrapassar os US\$ 40 bilhões.

O superávit brasileiro é uma forte preocupação na economia argentina. O economista Maurício Claveri, da Abeceb, explica que isso se dá, principalmente, porque a Argentina não tem outras formas de financiamento desde a morató-



Cristina Kirchner recebe amanhã Dilma Rousseff e outros presidentes sul-americanos para a sua posse do segundo mandato em Buenos Aires

Peso do superávit brasileiro cresce

num as queixas contra as retenções, imposto cobrado na exportação. "Exportamos imposto e isso prejudica a competitividade", afirma Rodríguez Aparicio, que diz não acreditar numa mudança em relação à medida em curto prazo.

A percepção dos analistas é

→ INVESTIMENTOS

«Muitas empresas brasileiras não remetem divisas e acabam reinvestindo seus lucros na Argentina»

VIVIAN SANMARTIN
DIPLOMATA DO ITAMARATY

xa tomada por Cristina - o corte de subsídios do governo nas contas de eletricidade, água e gás - começaram a ser anunciadas logo após a vitória da presidente nas urnas. A presidente argentina também agiu com força para garantir a solvência do país em dólar, restringindo, na prática, as operações de compra de dólar por pessoas físicas.

Economia dolarizada

A economia do País é muito dolarizada, por isso as restrições ao câmbio geram um cenário de incerteza e problema pra os argentinos acostumados a comprar dólares para se resguardar da instabilidade.

Mas se objetivo era conter a saída de dívida, os resultados esperados começaram a aparecer. Um informe divulgado nos últimos dias pela Econométrica mostra que em novembro a saída de capitais se reduziu pela metade, passando de US\$ 4 bilhões em outubro para US\$ 2 bilhões no último mês. Castineira prevê que as reservas já estarão maiores neste mês, como consequência direta da medida.

Até o momento não foram editadas medidas semelhantes em relação às empresas e nem os analistas apostam nis-

ria de 2001. "O superávit comercial é central, pois tem que financiar a saída de divisas para que as reservas não sejam afetadas", diz.

Claveri acredita ser possível um maior equilíbrio da balança comercial bilateral. "A Argentina não é tão central nas exportações brasileiras quanto acontece na relação inversa, por isso o Brasil estaria disposto a aceitar restrições em alguns setores e comprar mais em outros, num cenário em que a Argentina ofereça maior segurança em relação às regras comerciais", aposta o economista.

O Brasil é o principal destino dos produtos argentinos. Já na pauta brasileira, a Argentina está em terceiro lugar, atrás de China e Estados Unidos.

Relação positiva

"Toda relação comercial pode ter algumas travas, mas a relação entre os dois países é positiva", analisa o economista Ramiro Castineira, da Consultoria Econométrica. A pauta do comércio bilateral é formada, principalmente, por produtos com alto valor agregado, enquanto no comércio com outros parceiros, como Estados Unidos, Europa e Ásia, a pauta dos dois países é essencialmente de *commodities*, como minério de ferro, do lado brasileiro, e soja e trigo, do lado argentino.

Cerca de 80% dos itens comercializados entre Brasil e Argentina são manufaturados. O principal setor em participação é o automotivo, que representa 38,6% das exportações argentinas para o Brasil, seguido do trigo e da Indústria química. Já do Brasil para a Argentina, os produtos automotivos representam 33,7%,

Por ser muito vinculada à economia brasileira, a Argentina começa a sentir os impactos da desaceleração no país vizinho. A diminuição da demanda do mercado interno no Brasil já afetou nos últimos meses a indústria automotiva argentina. Algo que já começa a preocupar as autoridades argentinas.

As previsões de crescimento da Argentina para 2012 caíram para 4% do Produto Interno

para a Argentina

O saldo comercial favorável ao Brasil é uma forte preocupação no país vizinho, que tem nas exportações sua principal fonte de financiamento externo desde a moratória de 2001. O mercado espera que a presidente Kirchner promova maior equilíbrio do comércio bilateral.

Bruto (PIB), enquanto neste ano deve chegar aos 7%, segundo consultores, e 9%, de acordo com o governo. Mesmo assim, a tendência dos analistas é afirmar que os dois países vão continuar crescendo, embora num ritmo mais lento. Em boa parte, o desempenho das duas economias está atrelado ao desfecho da crise na zona do euro.

A presidente brasileira Dilma Rousseff confirmou que estará presente na posse de Cristina Kirchner amanhã na capital, Buenos Aires. As duas voltam a se reunir na cúpula do Mercosul, no dia 20 de dezembro, no Uruguai.

Recentemente, na Venezuela, as presidentes prometeram criar um mecanismo de integração produtiva para frear a entrada de produtos de mercados externos, que tem contribuído para a contração da indústria.

Na prática, os problemas continuam. Dificuldades

aduaneiras nos dois países deixam produtos parados por meses nas fronteiras. "Não dá para parar a exportação de panetone agora e liberar em janeiro", diz Rodríguez Aparício. Para ele, o protecionismo prejudica principalmente os pequenos e médios.

O presidente da Cambras argumenta que os empresários precisam de regras claras e respeito aos contratos para que haja confiança no comércio entre os dois países.

A chefe do Setor Comercial da Embaixada do Brasil em Buenos Aires, Vivian Sanmartin, afirma que os problemas são pontuais. O comércio bilateral deu um salto de US\$ 7 bilhões em 2002 para US\$ 33 bilhões em 2010. Vivian atribui o desequilíbrio da balança também ao déficit energético argentino, que fez com que o país passasse a Importar Itens como petróleo e gás,

A representante do Itamaraty lembra ainda que muitas

empresas brasileiras não retem divisas e acabam reinvestindo no país. Empresas argentinas também investem no Brasil, um exemplo é a compra de 27% da Usiminas pela Techint, anunciada no dia 28 de novembro.

Interesse mútuo

"Como a ligação do comércio é muito estreita e a produção é integrada, existe interesse dos próprios empresários em resolver os problemas. Querem chegar a um entendimento e não a uma situação em que os conflitos perdurem", afirma,

Está prevista para hoje uma reunião do ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior brasileiro, Fernando Pimentel, com a ministra da Indústria argentina, Débora Giorgi. Na pauta do encontro, o tratamento às dificuldades do comércio bilateral.

As licenças não automáticas e as medidas protecionistas estão no centro das preocupações dos empresários. Segundo Claveri, as licenças afetam, inclusive, produtos que as empresas precisam comprar para investir. É o caso da indústria automotiva argentina que ficou sem pneus para a produção de carros, em 2009.

Do lado argentino, são mais de natureza doméstica: conti-

EXPECTATIVA

«O que importa agora é saber se a economia com os subsídios vai ser destinada ao equilíbrio das contas ou a outros gastos»

RAMIRO CASTINERA
CONSULTOR ARGENTINO

que Cristina Kirchner dificilmente dará uma guinada na estratégia central de seu governo, que tem como pilares o crescimento - induzido pelo incentivo ao consumo - e o estabelecimento de políticas assistenciais.

A composição do Ministério, anunciada nesta semana, é um forte indício de continuidade. Apenas três ministros foram substituídos. A pasta da Economia, apesar das especulações, ficou nas mãos de Hernán Lorenzino, subordinado de Amado Boudou, ministro no primeiro mandato e vice-presidente eleito.

Lorenzino foi secretário de Finanças no primeiro governo de Cristina e, nesta função, atuou diretamente na renegociação da dívida externa de 2009, repactuando parte da dívida remanescente do *default* de 2001.

Renegociar dívida

Um dos desafios da Argentina é renegociar sua dívida com o Clube de Paris (um organismo informal que reúne representantes dos países credores de dívida soberana), mas existe um impasse nas negociações porque o país não aceita ser monitorado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), uma exigência dos credores. Por isso, os analistas não apostam numa solução já no próximo ano.

Mas o fato de estar fora do mercado financeiro internacional também faz com que a Argentina acabe sendo menos afetada pelos cenários Europeu e Americano. O problema é que a forte vinculação ao Brasil e à China pode fazer com que os impactos, principalmente no primeiro país, levem a economia argentina à recessão.

Segundo o economista Ramiro Castineira, da Econométrica, o mais importante agora é recuperar a solidez fiscal para deixar a economia numa situação de agüentar a crise. E o perfil do novo ministro da Economia condiz com necessidade do governo de gestão das finanças públicas.

A principal medida ortodo-

so. Mas segundo o economista da Abeceb, Maurício Claveri a demanda de dólares para importação está mais restrita. Ele também conta que existe uma forte pressão por parte do governo para que as empresas importem o mínimo possível, gerando dificuldade, inclusive, para compra de máquinas e investimentos tecnológicos.

O corte de subsídios de eletricidade, gás e água, anunciado até agora deve gerar uma economia anual aos cofres públicos de 4,8 bilhões de pesos (US\$ 1,1 bilhão), segundo anunciado recentemente pelo então ministro da Economia e vice-presidente eleito Amado Boudou. "O que importa agora é saber se a economia com os subsídios vai ser destinada ao equilíbrio das contas ou a outros gastos", questiona Castiflora, acrescentando que o corte agradou os mercados.

Outro problema a ser encarado pelo governo é o controle da inflação, atualmente, a maior preocupação dos argentinos, segundo pesquisas divulgadas no período eleitoral. O índice oficial é de 11,5% para este ano e 11,8% para 2012. No entanto, as estimativas são desacreditadas por serem manipuladas pelo governo. A inflação real, segundo cálculos de analistas e consultores, varia entre 20% e 30%. Eles já preveem uma diminuição na inflação no próximo ano, como resultado da desaceleração da economia mundial e da redução do consumo.

Na esfera política, a presidente está mais fortalecida, Saiu das urnas com 54% dos votos e uma diferença de 38% do segundo colocado.

Voltou a ter maioria na nova composição do Congresso e enfrenta uma oposição dividida e mais fraca depois do resultado das urnas. Neste sábado, recebe a faixa das mãos do atual vice-presidente Júlio César Cobos, que também ocupa a presidência do Senado, de acordo com a lei Argentina. Cristina e Cobos estão rompidos desde 2008.

• Especial para o DCI

MARINA MOTA



Rodríguez Aparício: Mercados importantes para as economias regionais